

**O EIXO DO MAL LATINO AMERICANO
E A NOVA ORDEM MUNDIAL**

E-BOOK GRÁTIS

**Por quê
escrever
este livro?**

HEITOR DE PAOLA

**Este E-Book corresponde ao Preâmbulo do livro
"O EIXO DO MAL LATINO AMERICANO E A NOVA ORDEM MUNDIAL"
3ª Edição - Revisada e Atualizada.**

POR QUE ESCREVER ESTE LIVRO?

O bem estar do povo tem sido particularmente um álibi para os tiranos

ALBERT CAMUS

Tendo sido comunista no passado e pertencido a uma das organizações clandestinas, a Ação Popular (AP), entre os anos de 1963 e 1968, que abandonei por não concordar com o desencadeamento da "luta armada contra a ditadura", inicialmente exultei com o tão propalado "fim do comunismo" com a queda do Muro de Berlin e a derrocada da União Soviética. Mas, conhecedor do sistema por dentro, das formas de atuação, das teorias e da ideologia comunista, da crueldade de seus métodos de conquista e manutenção do poder, da capacidade de manipulação de mentes e de sua característica amorfa e protéica, restaram-me a desconfiança e a perplexidade que cresceram na razão inversa do aumento desta crença entre os liberais e das inúmeras demonstrações de regozijo e manifestações do triunfo capitalista. O livro de Francis Fukuyama, *O Fim da História e o Último Homem*, publicado no Brasil em 1992, causou-me mal estar e preocupação desde as primeiras páginas. O autor começa argumentando que "*nos últimos anos, surgiu no mundo todo um notável consenso sobre a legitimidade da democracia liberal como sistema de governo, à medida que ela conquistava ideologias rivais como a monarquia hereditária, o fascismo e, mais recentemente, o comunismo*". Fukuyama deve ter dormido durante os anos a que me referirei adiante ou quis aproveitar para faturar alto com o desbaratamento da URSS. Ou pode tê-lo escrito em função de suas ligações com o *Council on Foreign Relations* [¹], pois seus artigos são regularmente publicados pela *Foreign Affairs* - e também pelo *Le Monde Diplomatique* - duas Bíblias da esquerda mundial.

Esta visão teleológica da história é de inspiração nitidamente hegeliano-marxista onde Fukuyama apenas mudou a finalidade do "processo histórico": do estabelecimento pleno do comunismo e das benesses da máxima marxista *de cada um de acordo com suas capacidades, a cada um de acordo com suas necessidades*, a imagem do céu na Terra apenas mudava para o pleno estabelecimento da liberdade de pensamento e iniciativa. Nada mudara, portanto, não havia nenhum rompimento radical com o pensamento marxista, com a noção absurda da existência de um "processo histórico" com meios e fins a atingir, apenas o mesmo estava sendo utilizado para outras finalidades igualmente fantasiosas e onipotentes. Em segundo lugar, a própria ideia de *consenso* é incompatível com a opção por uma sociedade aberta e livre, onde jamais existe consenso e na qual a

¹ Ao longo do livro o CFR será extensamente estudado. Para referências mais profundas ver meu *Rumo ao Governo Mundial Totalitário: as Grandes Fundações, Comunistas, Fabianos e Nazistas* (e-Book: <https://payment.hotmart.com/K18781105H?checkoutMode=10&bid=1577302496707>)

discordância é o alimento essencial do debate. Em terceiro lugar, a afirmação era um verdadeiro despropósito num mundo onde mais da metade da população continuava submetida às atrocidades dos regimes comunistas da China, Coréia do Norte, Vietnam, Cuba e em alguns países do Leste Europeu. Outra grande parcela vivia sob o tacão das botas de tiranos assassinos, principalmente na África. E outra ainda, submetida às teocracias islâmicas não menos tirânicas. Fukuyama mostrava ser mais um intelectual "iluminado" idêntico aos marxistas, sem nenhum compromisso com a realidade.

O que mais me impressionou foi exatamente a não ruptura com o esquema intelectual marxista. Talvez porque o autor jamais tenha sido comunista. Quem já o foi, entendeu do que se trata o comunismo, e saiu, não pode menos do que tornar-se um anticomunista radical rejeitando inclusive, *in totum* a concepção materialista dialética da história. Não resta opção mediana: "deixei de ser comunista, mas não sou anti porque seria desconhecer os erros e falhas do capitalismo, da democracia, do *laissez faire*, que também não resolveram problemas graves da humanidade como a miséria, a pobreza e a desigualdade". Quem pensa assim não deu passo algum, sua "saída" da ideologia é apenas um auto-engano, continua fígado pela mesma visão de mundo que supõe ter abandonado. O liberalismo jamais prometeu coisa alguma, apenas a liberdade de cada ser humano defender seus próprios interesses. Só que, ao ser bem sucedido, ele beneficia inúmeros outros seres. Não por ser predestinado ou planejado, mas por simples consequência lógica aumenta o número de empregos e melhora o padrão de vida da coletividade.

Outro ponto fundamental da minha desconfiança do "fim do comunismo" foi a total ausência de processos contra os facínoras e assassinos apeados do poder – com a única exceção da Romênia, ainda assim débil – de algo como um Tribunal de Nüremberg, leis proibindo definitivamente a divulgação das ideias e publicações comunistas e banindo seus símbolos e bandeiras. Pelo contrário, as versões marxistas da história e o revisionismo são hegemônicas, bandidos do tipo Fidel, Che, Allende, Sandino, Lamarca, Marighela e outros são entronizados no altar dos heróis latino-americanos. É como se, ao invés de atacar e destruir a Alemanha, o Ocidente tivesse se contentado com "democratiza-la" com a mesma elite da SS e da GESTAPO no poder (Himmler bem que tentou!).

Camisetas com imagens de Che são vendidas em butiques *chics*. Já imaginaram se tivessem a cara de Adolf Hitler? A Suástica foi banida, embora seu uso pelos nazistas tenha sido um roubo explícito de antigas tradições – dos índios *Hopi* aos *Astecas*, dos Celtas aos Budistas, dos Gregos aos Hindus - mas a Foice e o Martelo

entrelaçados, símbolo tipicamente comunista, permanece e até mesmo a bandeira do Exército Russo voltará a usá-la, sendo que a companhia aérea russa *Aeroflot* nunca o eliminou. Enquanto se exulta pela queda das *soi di-sant* ditaduras militares da América Latina, exalta-se o tirano mor e seus asseclas cubanos. Enquanto a divulgação do Holocausto nazista é milhares de vezes repetida e ninguém ousa dizer que "o nazismo era até uma boa ideia desvirtuada pelo hitlerismo", é o que se escuta do comunismo: é uma boa e generosa "utopia", deturpada pelo stalinismo. O comunismo ainda não foi atingido e continua uma utopia generosa desvirtuada. Os campos de concentração nazistas são expostos e execrados, com justiça, enquanto o GULAG [2] permanece conhecido apenas dos interessados na literatura específica, se tanto nos livros de Solzhenitsyn e outros dissidentes. Hitler, execrado como o maior genocida da história matou uns 20 milhões; Mao matou 60 e Stalin uns 50 e são adorados. Pinochet foi responsável pela morte de uns 3.000, largou o poder quando perdeu um plebiscito; Fidel já ultrapassou a cota dos 100.000 mortos (em toda a América Latina e na África; em Cuba estimam-se 17.000) e há 2 milhões de cubanos exilados; não obstante continua lá 49 anos depois [3]. Quem o execrado? Quem o indômito herói?

Uma maneira hipócrita de tentar desmoralizar a opção anticomunista dos ex-comunistas é afirmar a respeito dos mesmos que eles nada mudaram, apenas trocaram de lado. É preciso esclarecer isto antes de prosseguir. Como, ao longo do livro ao falar da essência do comunismo, farei inúmeras considerações sobre o assunto, basta aqui citar Viktor Kravchenko.

Viktor Andreievitch Kravchenko (1905-1966) escreveu suas experiências como agente soviético no livro *I Chose Freedom* [4]. Entrou para o Partido Comunista em 1929 e participou do processo de coletivização forçada do campo na Ucrânia, na bacia do Don. Inicialmente, ele participou ativamente com muito entusiasmo, mas testemunhou a morte pela fome de milhões de camponeses em nome dos quais se fez a Revolução (é a Foice do símbolo), o aprisionamento do GULAG ou a execução sumária dos que esboçavam alguma oposição ou compaixão. Os víveres eram

² Do russo *Glavnoye Upravleniye Ispravitelno-trudovyykh Lagerey i kolonii*, Direção Geral dos Campos e Colônias de Correção e Trabalho, do NKVD, Comissariado Popular de Negócios Internos. A existência do GULAG se tornou conhecida através do livro *Arquipélago Gulag* de Alexander Solzhenitsyn. Embora dissidente de grande importância sua obra é bastante conhecida e acessível e deixa de ser comentada aqui.

³ Quando este livro foi para o prelo Castro já havia "se licenciado" e assumira seu irmão Raul. Quatro anos depois, na edição deste e-book, foi escolhido Miguel Díaz-Canel, mas Raul continua comandando.

⁴ Disponível para download (33 Mb) em

<http://ia331312.us.archive.org/0/items/ichosefreedomthe012158mbp/ichosefreedomthe012158mbp.pdf>

acumulados com exclusividade para os próceres do Partido local e os enviados de Moscou. Mostra com crueza o grau de degradação moral e ética, além da corrupção do processo de pensar, que é necessário para um indivíduo assistir e aceitar a morte por inanição de milhares de semelhantes . . . em nome exatamente da melhora de situação dos seus semelhantes – no futuro. É preciso atingir uma organização mental esquizóide – dois sistemas mentais incomunicáveis - que impeça o indivíduo de dialogar consigo mesmo e afaste de si as objeções morais, éticas ou religiosas que o ameaçam com sentimentos de culpa, compaixão e empatia, conduzindo à corrupção do próprio processo de pensar, o que torna a verdade cada vez mais persecutória e temida. Como estes dois sistemas incomunicáveis não conseguem ser tão estanques como seria desejável, é necessário a re-afirmação constante por parte do grupo que partilha ardorosamente a mesma mentira. Por isto, um comunista não existe senão em grupo. Se alguém tenta expressar uma verdade num grupo desses desperta imediatamente intenso ódio e inveja, e maior coesão do grupo – e da mente de cada um em particular que fica ameaçada de uma cisão terrível - para reforçar o delírio megalomaniaco e expulsar o caráter perturbador da verdade.

Durante a II Guerra foi nomeado para a Missão Comercial Soviética em Washington, D. C. e em 1943 pediu asilo político. Apesar do pedido de extradição da URSS o asilo foi concedido. A publicação do livro gerou intensos protestos por parte de todos os Partidos Comunistas do mundo, principalmente pelo Francês que o acusou de mentiroso no semanário *Les Lettres Françaises*. Kravchenko processou-o por difamação. No julgamento em 1949, apesar da pressão irresistível dos PCs, conseguiu apresentar testemunhas que estiveram presas, como Margrete Buber-Neumann que, quando do Pacto Molotov-Ribbentrop foi entregue aos nazistas e internada em Ravensbrück. Kravchenko ganhou a causa, vindo a morrer por ferimentos a bala de forma misteriosa, mas dada como suicídio.

Cedo percebi que as organizações “revolucionárias” não passavam de grupelhos de filhinhos-de-papai com a vida garantida [5] que estavam levando de roldão operários e camponeses os quais depois abandonavam à própria sorte. Fui o responsável por dois destes casos. Um operário que “ampliei” [6] e por orientação da AP

⁵ Inúmeras reuniões de que participei como Vice Presidente da UNE com o Comando Nacional de AP foram realizadas em mansões do Morumbi ou dos Jardins, para onde fui levado em carros importados de luxo. Com direito a mordomo e regadas a champanhe francês ou uísque 25 anos. As militantes de uma organização “co-irmã”, a Organização Revolucionária Marxista Política Operária (POLOP), eram conhecidas como loiríssimas, belíssimas e riquíssimas! Todo sacrifício pela causa da revolução proletária é pouco!!!

⁶ *Ampliação*: este termo se aplicava originalmente ao programa permanente de ampliação de quadros (aumento do número de militantes). Passou a ser usado nos casos particulares e por neologismo se

promoveu uma greve na fábrica na qual trabalhava, foi despedido e não mais conseguiu emprego, sua mulher e filhos o abandonaram, começou a beber cada vez mais e foi abandonado por todos os "companheiros", eu inclusive. Uma outra "ampliação" minha foi um líder camponês que também abandonou a família para aderir à "luta armada" e do qual nunca mais ouvi falar.

Todos os militantes eram instigados a abandonar as "noções burguesas de moralidade religiosa" submetendo-as aos imperativos revolucionários. Assim eram atingidos os princípios do não roubar, não matar e ser sincero nas relações humanas. Uma das tarefas dos militantes era roubar para a causa qualquer coisa que estivesse ao seu alcance. Como eu estudava medicina fui instruído a roubar material de primeiros socorros e instrumental cirúrgico do Hospital Escola, com vistas às futuras necessidades de estabelecer hospitais clandestinos para as ações guerrilheiras – ideia delirante que jocosamente passei a chamar de *el sueño de Sierra Maestra*. Como minha formação moral me impedia de dar este passo fui alvo de intensas críticas de desvio ideológico. Obrigado a uma auto-crítica tentei argumentar que o Hospital Escola era uma instituição para o povo que queríamos ajudar. E foi aí que eu aprendi algo: jamais tentem argumentar com um comunista em termos lógicos! A lógica é sempre distorcida para justificar, desonestamente, qualquer coisa. O debate é desigual, pois quem tem limites lógicos para argumentar já parte em tremenda desvantagem.

Outro fator a influenciar minha decisão foi quando, numa reunião do "Comando Zonal Sul - RS" discutia-se o caso de um militante recém "ampliado" que, por força de nosso apoio tornara-se Presidente de um importante Centro Acadêmico e dava mostras de "fraqueza ideológica" e independência de pensamento. Passou-se a discutir se num processo revolucionário aberto, que estava em preparação, alguém teria coragem de matar um "companheiro" ou ao menos dar a ordem para isto. Eu disse que teria coragem de dar a ordem. No momento, até a mim mesmo pareceu uma bravata, mas, mais tarde, pensando comigo mesmo fiquei horrorizado com a possibilidade de chegar a um ponto em que isto se tornaria inevitável: numa situação plenamente revolucionária pode chegar o momento do "ou ele ou eu". Isto aconteceu em final de 1967, logo em janeiro de 1968 fomos informados das preparações para a "luta armada contra a ditadura". Era a hora de dar o fora, o que fiz não sem sofrer ameaças por parte de meus antigos "companheiros" [7].

transformou até em substantivo: uma "ampliação" era um simpatizante em fase de teste de "pureza ideológica" com vistas a conquistá-lo para a militância. Alguns nunca chegavam neste ponto e permaneceriam para sempre "companheiros de viagem" e serão os primeiros a serem trucidados pelo regime revolucionário triunfante porque o choque da realidade os tornaria ferozes opositores pela percepção de terem sido traídos.

⁷ A mudança do termo camarada (do russo *továrishch*) para companheiro foi de uma esperteza genial, não somente por razões de sigilo, mas para atrair pessoas que tinham algo contra ser capacho de

Anos depois, ao reencontrar a esposa de um antigo "companheiro", ela me contou que o mesmo tinha caído na clandestinidade tornando-se um revolucionário profissional. Ela o acompanhara até o momento em que ele mostrou a ela a "necessidade revolucionária" de estar disponível para satisfazer sexualmente outros militantes clandestinos que não tinham como fazê-lo sem risco, fora da organização. Profundamente decepcionada ela o abandonara e voltara para sua cidade e sua família. Mas não pensem os leitores que isto é uma exceção, é a regra!

Sustento que não há outra saída do inferno comunista do que a indignação moral, do confronto consigo mesmo, com a culpa pelo grau de degradação ao qual já se caiu e que pode aumentar mais porque, como dizem na minha terra, por "porteira em que passa boi, passa boiada"! Ou se cai fora ou o abismo é infinito e cada vez mais a auto-indulgência é necessária em doses crescentes. Não há argumento racional, provas científicas da charlatanice marxista, comparação de resultados econômicos, nada – pois todos que estão dentro sabem muito bem disto! Só vale a indignação moral, e esta exige que se passe a combater o mal do qual se saiu com todas as forças, não admite neutralidade nem tolerância. Chamar esta posição de maniqueísta é outra armadilha do relativismo moral que preceitua que não existe o mal nem o bem e que não podemos julgar nossos semelhantes pelas suas opções ideológicas. Podemos sim, se a conhecermos por dentro sabendo do que se trata. Segundo outro que saiu do inferno, David Horowitz, "contra-revolucionário é um nome para a sanidade moral e a decência humana, um termo de resistência para a depredação épica causada por sonhadores" (*Politics of Bad Faith*). Quando digo que não confio em comunistas sou criticado como intolerante, mas sei muito bem que comunista não tem palavra *de honra*, só palavra *de ordem*! O que é dito ou feito é o que convém à "causa" naquele momento, o que pode mudar qual *pluma al vento* ("qual pluma ao vento").

Desiludam-se os leitores que acreditam que o comunismo é uma utopia, muito menos uma utopia generosa, um idealismo quixotesco.

Moscou. Da mesma forma, comunismo foi substituído por socialismo. Eu próprio jamais teria entrado para o PCB ou do B, mas a AP "não era comunista, apenas socialista", defendia um "socialismo cristão" (fora fundada pelo pessoal da Juventude Universitária Católica – JUC) e supostamente seguia a Doutrina Social da Igreja, bem mais palatável, mesmo para não cristãos. Mas o que não era dito para as "ampliações" e só descoberto depois de certo avanço na militância, é que o tal Documento Base de AP era apenas um estratagema sedutor; havia outro, secreto, claramente maoísta ao qual só os já confiáveis podiam ter acesso e neste já constava a adesão ao marxismo-leninismo). "Socialismo cristão" não passa de uma isca criada depois da invasão gramscista da Igreja Católica através da "opção preferencial pelos pobres" e a Teologia da Libertação e suas Comunidades Eclesiais de Base, verdadeiras células comunistas, o que será abordado em detalhes ao longo do livro. Não se enganem os leitores, todas estas organizações que não trazem explicitamente o nome comunista não passam de tentáculos da mesma hidra, organizações auxiliares do Partido Comunista.

Não é. Esta "utopia" só serve para atrair e seduzir simpatizantes – chamados por Lenin de *idiotas úteis*. Suspeito que a substituição no Brasil de idiotas por *inocentes úteis* serve a um propósito: iludir de que alguém pode simpatizar *inocentemente* com um regime comprovadamente assassino e genocida no mais alto grau. Nunca encontrei um revolucionário comunista autêntico – nem quando eu era um, nem depois – que acreditasse por um segundo sequer na tal "utopia" que eles usam – nós usávamos – para enganar os trouxas e imbecis e convertê-los em idiotas úteis. Lembro-me de como eram ridicularizados estes idealistas que serviam de excelente massa de manobra! Nunca houve esta tal de utopia, ou idealismo utópico – só como estratégia de doutrinação.

A razão principal pela qual a maioria das pessoas se deixa enganar pelos embustes comunistas é a ignorância a respeito da essência do comunismo: ser uma máquina de produção contínua, ininterrupta e eterna de mentiras. Mas pessoas inocentes fazem perguntas ingênuas e óbvias como: se é tão bom lá, porque você não vai para lá? Se o comunismo é para salvar a humanidade da brutalidade capitalista, porque precisam matar tanta gente? Por que as pessoas que vivem nestes paraísos são proibidas de sair para o exterior [8] – o que jamais aconteceu nas "terríveis ditaduras militares de direita"? Como não há uma resposta racional para tais perguntas simples todos os militantes têm, na ponta da língua, um "você não está entendendo nada" e passam a demonstrar como o interlocutor é burro, ignorante, tacanho ou está seduzido pela ideologia "burguesa". É uma das primeiras coisas que o simpatizante precisa aprender para ser considerado "ampliável". Não, inocentes não caem nesta, é preciso uma grande dose de malícia que aos poucos se desenvolverá em má-fé.

O primeiro grande falsificador foi Karl Marx cuja visão fraudulenta da História, o 'materialismo histórico', precisava ser provada de qualquer maneira sob pena de ruir toda a estrutura charlatanesca que começara a inventar. Já de início o comunismo foi baseado numa grotesca falsificação de estatísticas feita pelo próprio Marx para justificar sua ideia de que a Revolução Industrial e o desenvolvimento capitalista tinham piorado a situação econômica dos trabalhadores ingleses. Um grupo de historiadores reunido por Friedrich von Hayek demonstrou cabalmente esta deturpação. Suas conclusões foram publicadas no livro *Capitalism and the Historians*: uma defesa do sistema primitivo de fabricação e suas conseqüências econômicas e sociais. Re-interpretações históricas, como *O 18 Brumário de Luis Bonaparte* demonstram cabalmente suas intenções. Nesta obra Marx

⁸ Eu ainda estava escrevendo este livro quando, durante o PAN 2007, vários atletas cubanos já tinham desertado e estavam foragidos ou tinham pedido asilo, repetindo monotonamente o que ocorre em todas as competições esportivas, congressos científicos, turnês artísticas, etc. Duvido que algum dos milhares de admiradores de Cuba que na abertura tinham aplaudido de pé a delegação tenha mudado de ideia.

não somente faz uma interpretação dos acontecimentos de 1848 na França à luz de suas ideias como, retroativa e ironicamente, distorce o ocorrido nesta data em 1799 quando o tio de Luís, Napoleão, deu o golpe no Diretório e tornou-se Imperador. Data desta obra a re- interpretação da falácia hegeliana de que a história se repete: "(Hegel demonstrou que) todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem, por assim dizer, duas vezes. E esqueceu-se de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa" (Marx, *18 Brumário*). Pois sim, Marx era a representação farsesca de Hegel.

O grande arquiteto da desinformação sistemática foi Felix Edmundovitch Dzerzhinsky, criador da primeira polícia secreta soviética, Tcheka. Quando Lenin perguntou, ainda em 1918 a Dzerzhinsky, sobre qual a estratégia que deveria ser adotada para influenciar o resto do mundo, recebeu como resposta: "diga sempre o que eles querem ouvir, minta, minta sempre e cada vez mais. De tanto repetir as mentiras elas acabam sendo tomadas como verdades". [9] A primeira fraude fotográfica importante de que tenho notícia foi a supressão da imagem de Trotsky ao lado da tribuna de onde Lenin discursava para as tropas na Praça Sviertlov em 1920, obra do sucessor de Dzerzhinsky, Lavrenty Pavlovich Bieria sob as ordens de Stalin.

INTERLÚDIO

A hora de sair fora chegara e felizmente o fiz. Restou-me a imensa perplexidade de como eu poderia ter sido atraído por tal amontoado de mentiras e tolices propagadas como filosofia e boa ciência econômica. E como tantas pessoas se deixavam também iludir. Um ano após sair da AP formei-me em medicina e não tive mais tempo para pensar muito sobre isto, pois minha pós-graduação exigia enormes esforços de estudo e pesquisa especializados, além de estar recém-casado e precisando de uma penca de empregos. Era o tempo do então chamado "milagre brasileiro", que depois do revisionismo histórico e da fábrica de mitos de que tratarei ao longo do livro, veio a ser chamado de "anos de chumbo". Não parecia ser esta a opinião do ex-Presidente e presidiário Lula quando era um líder sindical ainda não pervertido pelas ideias comunistas, pois disse daquele período: "*Naquela época, se houvesse eleições, o Médici ganhava (...) A popularidade do Médici no meio da classe trabalhadora era muito grande. Ora por quê? Porque era uma época de pleno emprego*" (Depoimento a Ronaldo Costa Couto em *Memória viva do regime militar*, citado por Raymundo Negrão Torres no livro *1964: A*

⁹ Esta expressão, levemente modificada, foi copiada por Paul Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda e do Esclarecimento do Povo do III Reich a quem foi atribuída, erroneamente e provavelmente de má-fé, a autoria.

Revolução Perdida). Talvez seja a única concordância que eu tenha com Lula: sobrava emprego, não só para metalúrgicos, mas também para médicos e outras profissões e o salário mínimo era respeitável. Os consultórios viviam cheios de pacientes particulares em todas as especialidades clínicas, cirúrgicas e psicológicas. Outro autor que não pode ser propriamente chamado de admirador do regime militar, Elio Gaspari, em *A Ditadura Derrotada* (pp. 26-27), concorda com Lula – e comigo: *Médici cavalgava popularidade, progresso e desempenho. Uma pesquisa do IBOPE realizada em julho de 1971 atribuíra-lhe 82% de aprovação. Em 1972 a economia cresceria 11,9%, a maior taxa de todos os tempos. Era o quinto ano consecutivo de crescimento superior a 9%. A renda per capita dos brasileiros aumentara 50%. Pela primeira vez na história as exportações de produtos industrializados ultrapassaram um bilhão de dólares. Duplicara a produção de aço e o consumo de energia, triplicara a de veículos, quadruplicara a de navios. A (hoje falecida) Bolsa de Valores do Rio de Janeiro tivera em agosto uma rentabilidade de 9,4%. No eixo Rio - São Paulo executivos ganhavam mais que seus similares americanos ou europeus. Kombis das empresas de construção civil recrutavam mão de obra no ABC paulista com alto-falantes oferecendo bons salários e conforto nos alojamentos. Um metalúrgico parcimonioso ganhava o bastante para comprar um fusca novo. Em apenas dois anos os brasileiros com automóvel passaram de 9% para 12% da população e as casas com televisão de 24% para 34%”.*

Certamente estes resultados do “capitalismo abjeto” e da “cruel ditadura que nos oprimia”, sentidos no próprio bolso, e a segurança que se gozava no País onde “polícia era polícia e bandido era bandido” – ninguém tinha medo de sair à noite em qualquer cidade do País; certa vez, para procurar um marceneiro que nos devia um móvel, subimos eu e minha mulher uma favela num morro em Olaria, a pé! - ajudaram em muito a minha “virada” ideológica, obviamente ainda em termos exclusivamente práticos [10]. Mas comecei a perceber algo estranho, que era o motivo do regozijo de Giocondo Dias, Secretário Geral do Partido Comunista Brasileiro quando dizia que “uma das maiores alegrias de um comunista é ver na boca dos burgueses, nossos adversários, as nossas palavras de ordem”: aos poucos passei a ouvir “os burgueses” usando o linguajar, as doutrinas e palavras de ordem comunistas, minhas velhas conhecidas dos tempos de ativista. A princípio timidamente, mas logo com rapidez, certas expressões que antes eram usadas por comunistas e execradas pelos “burgueses”, passaram a ser proferidas pelos últimos, como igualdade, injustiça social, ódio aos empresários e ao lucro. Quanto mais a “pequena burguesia” melhorava de vida graças

¹⁰ Critica-se muito a frase cunhada naquele período *Brasil, Ame-o ou Deixe-o*, sem que ninguém se pergunte se em Cuba isto seria, ainda hoje, possível; ou se seria substituída por *Fidel, Ame-o ou Morra!*

ao "milagre brasileiro" mais execrava a si mesma, numa reação possivelmente culpada por poderem usufruir condições econômicas nunca antes imaginadas, como a possibilidade de compra de casa própria facilitada pelo *boom* imobiliário dos anos Médici.

A culpa inconsciente pela rápida prosperidade tornava a classe média presa fácil para a doutrinação invejosa que transforma inicialmente o linguajar e depois as atitudes e atos das pessoas. Inicialmente foram acusados e depois passaram a se auto-acusar de "privilegiados" ou "elite privilegiada", sem poderem valorizar que o que estavam obtendo era fruto de seu trabalho e não de privilégios espúrios. Em parte porque a busca de satisfações e prazeres sem as correspondentes obrigações morais a tornava uma classe "postíça, desequilibrada, fútil e baseada na ingratidão radical para com as gerações anteriores, essa forma de vida produziu uma tremenda acumulação de culpas inconscientes, as quais, não podendo recair sobre os culpados autênticos – que toleram a ideia de culpas ainda menos que a da morte – são projetadas de volta sobre a fonte de seus benefícios imerecidos" (*apud* Olavo de Carvalho). Os que ainda não tinham acesso às boas novas passaram a ser chamados de "despossuídos", "oprimidos", "vítimas da injustiça social" e da "concentração de renda nas mãos dos privilegiados". Esta, contudo, não era a percepção dos operários também beneficiados, mas somente dos filhinhos-de-papai – estudantes e intelectuais, o *beautiful people* da mídia e da moda. Este ódio ao capitalismo é resultado da projeção psicótica que, "ao negar a realidade manifesta da prosperidade geral crescente, imputa ao capitalismo até mesmo a miséria dos países socialistas" (*ibid.*), como atribuir a culpa da miséria de Cuba não à exploração de Castro e sua quadrilha, mas ao embargo americano.

Observe-se a diferença entre alguém *não possuir algo* e *ser despossuído*: a segunda expressão pressupõe uma ação por parte de outro que o "desapossa", ou toma posse do que não lhe pertence, para seu próprio usufruto – portanto de apropriação indébita, de roubo. O uso do particípio do verbo oprimir pressupõe ação de alguém que oprime. O que este processo visa criar na mente do indivíduo tem nome: *dissonância cognitiva*. Trata-se de uma reação disruptiva causada por coerção psicológica que leva a reagir a uma tensão mental e/ou emocional causada por tentar reconciliar duas crenças opostas, conflitivas ou inconsistentes entre si. No caso em pauta, o indivíduo usufrui o que obtém com seu trabalho, mas é bombardeado com a noção de não passar de um ladrão responsável pela miséria que o circunda. São clássicas as fotos de crianças morrendo de inanição com a frase "E você, não tem nada a ver com isto?" para gerar e incrementar a culpa. É preciso estar muito seguro de seus valores para dizer: não, não tenho nada a ver com isto, mas se puder ajudar, ajudo, por caridade, não para construir "um mundo

melhor possível". Mas a caridade não é um abominável sentimento pequeno burguês? À medida que mais e mais indivíduos vão se convencendo, começa a se formar um consenso que leva a uma pressão grupal insuportável para quem não tem princípios morais sólidos.

Simultaneamente, outro fator é extremamente sedutor: o comunismo se apresenta como a única força político-ideológica que leva em conta o chamado *determinismo histórico*, representando o estudo de um suposto fim da história e o processo necessário para lá chegar. Tudo o que a ela se opõe é contrário à inevitabilidade do devir histórico e, portanto reacionário – no sentido de “reação ao progresso inevitável da história rumo ao comunismo”. Ao contrário, quem se dedica àquela nobre causa se sente o sujeito e agente da história, um *progressista*, parte de um todo cujo destino sublime é transformar o mundo num paraíso. Reacionarismo/Progressismo (como se disfarçavam os marxistas) funcionava como uma régua de medir a aceitação das pessoas nos grupos de “iniciados”. Por isto, nunca é demais insistir neste ponto crucial: *sempre* que se ouve falar em alguém ou alguma coisa ou uma ideia – o que seja – *progressista* é certo de que se está falando de algo que serve aos desígnios comunistas, em oposição ao conservadorismo *retrógrado*. Note-se que apesar de que conservar não seja retroagir, pelo contrário, é como sinônimo que a esquerda usa as palavras *conservador* e/ou *reacionário*. “Quem domina o passado, domina o presente; quem domina o presente, domina o futuro”. George Orwell reconheceu isto ao criar o Ministério da Verdade (1984).

O controle do futuro é absolutamente necessário para dar garantia às “profecias” de Marx em sua rivalidade com Deus e a Bíblia: sua obra deveria substituí-la e, portanto, deveria ter suas profecias confirmadas, mesmo que à custa de centenas de milhões de mortos. Mikhail Bakhtin dizia que “o Sr. Marx não acredita em Deus, mas acredita profundamente em si mesmo. Seu coração contém rancor, não amor. Ele é muito pouco benevolente com os homens e se torna furioso e maldoso quando alguém ousa questionar a onisciência da divindade adorada por ele, quer dizer, o próprio Sr. Marx”. Pode-se dizer o mesmo dos marxistas de todos os tempos: não passam de adoradores de si mesmos e de seus delírios de poder.

Partindo de uma observação acurada da mente humana, Marx percebeu – consciente ou inconscientemente – a preferência da Humanidade por mentiras agradáveis a ter que conviver com verdades por vezes dolorosas. Ou pior, **a um estado de dúvida**, o mais temido e rechaçado de todos – embora o único que pode levar à introspecção e ao verdadeiro conhecimento. Substituiu então o velho lema socialista – *a cada um de acordo com seu trabalho* – por outro mais agradável – *a cada um segundo suas necessidades*. Enquanto o

primeiro inclui necessariamente algum esforço, o segundo acena com um estado de coisas paradisíaco ou nirvânico no qual todos terão suas necessidades atendidas. A mudança é sutil, mas fundamental. A recusa a pensar, a enfrentar as inevitáveis dúvidas morais que assolam sem cessar o ser humano, impede a pessoa de investigar seu interior e o mundo, e quanto mais cega se torna em relação ao mundo, mais interessada em modificá-lo à sua imagem e semelhança. Ora, é exatamente isto que Marx sugere quando dizia que *os filósofos até hoje cuidaram de entender o mundo, trata-se agora de modificá-lo!* Modificar sem conhecer, apenas aderindo a algum tipo de opinião fácil. Que apelo seria melhor para preguiçosos mentais como nossos "intelectuais" acadêmicos? É o sonho de todos os bebês: um peito inesgotável a jorrar constantemente o néctar sem precisar nem sugar!

Como a ideologia opera através de um *splitting*, uma ruptura da personalidade, permite evitar sentimentos dolorosos como a empatia com os outros e o amor ao próximo, a misericórdia, a ternura. O amor ao próximo se torna um "amor a toda a Humanidade", desprezando os seres reais e concretos que, em geral, incomodam. Não há "amor ao próximo", considerado sentimento burguês, mas um suposto e idealizado amor *a toda a humanidade*, o que inclui a possibilidade de que o próximo poderá e deverá ser sacrificado em nome do todo, se assim for exigido para aprofundar o processo histórico. Há uma verdadeira e profunda inversão de valores. Além disto, a ideologia fornece elementos para alguns dos mais baixos sentimentos humanos: a necessidade de projetar a culpa por seus erros em bodes expiatórios, os burgueses, particularmente na adolescência, quando o jovem está em pleno conflito com os pais; a inveja, que leva a querer destruir tudo que é admirado, inclusive a riqueza dos pais, os burgueses; a ingratidão pelo recebido deles; a vingança contra tudo e todos que sejam considerados culpados pelos infortúnios do passado; fornece belas desculpas para a maldade e a mesquinharia, tornando-as virtudes; a arrogância: sei tudo, faço parte de uma elite iluminada, e os demais são uns burros que nada sabem; a oportunidade de compartilhar os mesmos sentimentos com um grupo unido que "pensa" igual permite o prolongamento das "patotas" da adolescência; é um potente substitutivo pseudocientífico para as crenças religiosas consideradas "o ópio do povo", por outra droga, materialista e supostamente demonstrável através de meios racionais, mas que, como bem o demonstrou Raymond Aron, é o pior e mais estupefaciente de todos os ópios (*O Ópio dos Intelectuais*).

UMA ADVERTÊNCIA NECESSÁRIA

Antes de prosseguir é necessária uma advertência. Insisti na indignação moral e na introspecção com plena aceitação da culpa porque creio que outra tentação se apresenta ao neófito do liberalismo: negar as bases morais e religiosas judaico-cristãs do liberalismo e cair no extremo oposto, deixando-se seduzir por esquemas tão amorais quanto o marxismo, como a pseudofilosofia "Objetivista" de Ayn Rand a qual, apesar de algumas excelentes conclusões, é baseada numa visão do homem como *"um ser heroico, com o único propósito moral de conseguir sua própria felicidade, tendo como sua mais nobre atividade ser produtivo e bem sucedido, e a Razão como seu único Absoluto"* [11]. E por neófitos quero dizer não somente aqueles que saíram do comunismo, mas também aqueles que, segundo dizem, "já na adolescência perceberam que Marx estava errado". A não ser que seja um gênio não entendo como um adolescente possa ter elementos intelectuais suficientes para tal. Estas pessoas tendem a acreditar que o liberalismo é fruto da Deusa Razão dos Iluministas e que esta, se bem utilizada, como acreditam tê-lo feito, mostrará que o único caminho é o liberalismo. Enganam-se redondamente, pois a Razão gerou o comunismo, o nazismo e todas as correntes totalitárias que assolaram os dois séculos passados. A Razão desprovida de princípios gera, paradoxalmente, a *irracionalidade* e a *insanidade*. Desconfio que Fukuyama seja um desses seres iluminados.

A desinformação não permite ver que, se o liberalismo é amoral em si mesmo, ele é fruto de uma moral que o antecede e lhe dá forma humana sensível e só pôde se desenvolver a partir dela. Sem o lento desenvolvimento da tradição ocidental judaico-greco-cristã o homem jamais teria atingido uma concepção de liberdade individual fundada no "conhece a ti mesmo antes de tudo" e no "ame ao próximo como a ti mesmo", que é a verdadeira liberdade. Um sistema baseado exclusivamente num aspecto superficial e parcial da mente humana – o egoísmo – não pode menos do que sucumbir ao Terror. A negação violenta desta tradição foi o motivo pelo qual o liberalismo evoluiu para o Terror, na França, e foi por respeitá-la que os *Founding Fathers* estabeleceram as bases da República liberal Americana. Se Adam Smith descreveu desapaixonadamente como se fazem as *riquezas das nações*, também escreveu uma profunda obra moral, *Teoria dos Sentimentos Morais* que inicia com a belíssima afirmação: *"Por mais egoísta que se suponha o homem, evidentemente há alguns princípios em sua natureza que o fazem interessar-se pela sorte de outros, e considerar a felicidade deles necessária para si mesmo, embora nada extraia disso senão o prazer de assistir a ela. Dessa espécie é a piedade, ou compaixão, emoção que sentimos ante*

¹¹ www.aynrand.org

a desgraça dos outros, quer quando a vemos, quer quando somos levados a imaginá-la de modo muito vivo.” Esta é a base da Razão sadia, propriamente racional, e não insana. Acostumamo-nos a denominar as pessoas que assim pensam de *liberais conservadores*. E aos demais de *libertários*.

Ao longo do livro pretendo demonstrar ser exatamente esta falta de princípios morais e o desprezo pelos seres humanos que leva à improvável união entre os comunistas e os metacapitalistas, termo cunhado por Olavo de Carvalho para designar aqueles empresários e banqueiros que, tendo utilizado a concorrência proporcionada pelo liberalismo para atingirem uma posição na qual esta não mais lhes interessa, querem esmagá-la num controle mundial em que evitem ameaças às suas posições de fortuna e poder. Basta ver o exemplo chinês: depois de Fukuyama existem os entusiasmados com o que consideram a vitória do capitalismo e do liberalismo na China com o programa *um país, dois sistemas* da reforma de Deng Xiaoping. São na verdade, duas *classes*: os burocratas governamentais unidos aos novos multibilionários da franja litorânea a eles ligados umbilicalmente e um contingente de mais de um bilhão de escravos que não têm o que comer. Chamar este sistema de liberal só serve para desmoralizar o liberalismo. Desde a década de 50 do século passado a China é um continente de escravos miseráveis, mas esta informação vem sendo sonogada e a desinformação ativa vinha mostrando os “avanços” socialistas do povo. Só agora passam a aparecer, certamente já como preparação de um futuro fechamento, com ocorreu com a Nova Política Econômica na URSS, atribuindo ao liberalismo a “desigualdade” que tinha sido suprimida com o maoísmo.

O RECOMEÇO

Contudo, todos estes entendimentos não foram suficientes para que eu compreendesse uma nova enxurrada vulcânica que se desenrolava à minha volta. Com o Governo Figueiredo, anistia e redemocratização à vista, o verdadeiro entulho autoritário marxista que tinha submergido na clandestinidade veio rapidamente à tona. Perplexo, percebi, inicialmente, como a penetração marxista tinha sorrateiramente infectado as sociedades psicanalíticas às quais eu pertencia. Congressos profissionais passaram a ter como norma o convite a “filósofos” marxistas; cursos de pseudofilosofia com Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho foram oferecidos; colegas fechavam seus consultórios para ir ao Galeão receber o “maior brasileiro de todos os tempos”, Luís Carlos Prestes! [12] Na educação

¹² Só muito mais tarde vim a saber o porquê de eu não ter percebido nada a tempo: além da necessária discrição destas atividades durante os Governos Militares, eu tinha sido dado como agente do SNI já que fora preso em 1965 – declarei isto nas entrevistas de admissão aos cursos - e saíra ileso e nunca mais tinha sido molestado.

de meus filhos já se infiltravam também temas da Teologia da Libertação e interpretações marxistas da história.

O que acabara **não era o comunismo, mas o anticomunismo**. Criticar o comunismo ou os comunistas ficara indelevelmente equacionado com defender a "ditadura" e fazia do sujeito um pária. Note-se este pequeno extrato de discussão: uma colega recém chegara de um Congresso de Psicologia Marxista (o que quer que seja isto!) em Havana, um daqueles convescotes convocados para atacar alguém ou alguma coisa através de manifestos políticos e onde a ciência passa ao longe. Pois dizia ela entusiasmada que haviam "tirado posições" radicais contra a ditadura Argentina (gostaria que me explicassem o que isto tem a ver com Psicologia). Perguntei como se podia falar mal de uma ditadura *em Cuba*, sede da pior ditadura da história da América Latina. Resposta: então você é a favor do genocídio de 30.000 pessoas na Argentina? Concluí que deveria aprender mais e, já folgado de tempo, esforcei-me por entender que coisa era aquela! Alguns fatores ajudaram bastante.

Até a gestão do Professor José Carlos de Almeida Azevedo na Reitoria da Universidade de Brasília, o acesso às obras dos autores liberais eram muito mais difíceis do que é hoje – as editoras estavam todas nas mãos de comunistas como Caio Prado Júnior, Ênio Silveira e outros, além de que não havendo Internet era tudo por carta e muito demorado – e eu não sabia nem por onde começar. Foi quando aconteceu a chamada "crise do Departamento de Filosofia da PUC-RJ". Pipocavam nos jornais debates entre Professores não marxistas e a Diretoria do Departamento e a Reitoria sobre a perseguição que vinham sofrendo estes Professores. O estopim foi a recusa em publicar um trabalho de Miguel Reale. O episódio foi relatado em livro do Professor Antonio Ferreira Paim - *Liberdade Acadêmica e Opção Totalitária* - que ao que eu saiba teve poucas edições e teria merecido várias. A leitura deste debate memorável, como o denominou o autor, causou-me na época profunda impressão. No dia 14/03/1979 o Jornal do Brasil – note-se que a mídia ainda não estava dominada, hoje jamais sairia! – publicou uma carta da Professora Anna Maria Moog Rodrigues endereçada ao Chefe do Departamento de Filosofia, na qual protestava contra a censura de um texto do Prof. Miguel Reale – *A Filosofia como Autoconsciência de um Povo* - numa coletânea didática para a Disciplina História do Pensamento. No dia seguinte o JB publica uma carta-resposta do Diretor do Departamento informando que o texto "não fora incluído na apostila oficial, face ao caráter polêmico e controvertido das atividades políticas do autor". Dois dias depois, o JB publicava a carta do Reitor justificando a atitude do Departamento e qualificando de ridículas as alegações da Professora de haver uma crise na Universidade. Imediatamente a mesma pede exoneração e é acompanhada pelo autor do livro que

dizia que, "sendo oficialmente reconhecida a censura, não mais poderia permanecer no Departamento".

O debate se estende por muito tempo, incluindo a tomada de posição de três prestigiosos jornais (JB, Globo, O Estado de São Paulo) a favor dos demissionários – bons tempos aqueles em que a imprensa cumpria suas funções! Só para ter ideia dos títulos: Filosofia Intolerante (JB), Discriminação Ideológica (O Globo), A Opção Totalitária dos Intelectuais (Estadão), etc. Na brilhante análise que faz da crise, entre outras preciosidades, o Prof. Paim põe o dedo na ferida: Reale não tinha sido censurado por sua opção integralista de outrora – já que eram aceitos os pensamentos de outros luminares integralistas como Hélder Câmara, Alceu Amoroso Lima, Roland Corbisier, etc. – mas sim pelo culturalismo de Reale que *"corresponde à mais cabal refutação de todo tipo de totalitarismo"*, e que *"impediu a penetração, no Brasil, da denominada filosofia da libertação (...) tendo que se conformar em se apresentar (aqui) com a forma mais restrita de teologia da libertação"*. O livro é uma verdadeira aula de como os marxistas tomam de assalto uma Universidade – ou qualquer instituição – e expulsam todos os demais.

A tomada de assalto dos meios de comunicação acabou com esta liberdade de publicação. A mídia prolífica, fértil e polêmica que tínhamos até então era combatida como "imprensa burguesa" à qual se opunham os jornais "populares", que ninguém lia, a não ser os "adeptos", dada a indigência intelectual dos mesmos. Era preciso mudar este estado de coisas e como de nada adiantava o combate limpo e aberto, era necessário tomar por dentro, minar a criatividade, substituindo-a paulatinamente pela massa amorfa em que a máxima divergência seja a do "sim" com a do "sim, senhor" em todos concordem quanto aos slogans fundamentais, palavras que perderam todo significado, como "justiça social", "cidadania", "progressista", "neoliberal" e tantas outras que conhecemos muito bem. Não tenho dúvidas que a obrigação de estudar jornalismo para ser profissional de imprensa foi um dos golpes mais duros na criatividade, pois os tais grupos tomaram de assalto as faculdades de jornalismo e passaram a criar uma choldra que nada mais faz do que repetir uns aos outros como temos hoje nos principais órgãos de imprensa, rádio e TV no País.

Passei a pesquisar outros livros de autor [13] e através desses entrei em contato com a Editora da UnB que estava finalmente publicando livros de pensadores liberais e conservadores, da qual me tornei um dos mais ávidos compradores. Minha introdução no mundo das diferenças entre sociedades totalitárias e livres se deu através de Hanna Arendt e, principalmente, Karl Popper. No entanto, me sentia

¹³ Bibliografia que pode ser encontrada em <http://www.ensayistas.org/filosofos/brasil/paim/biblio.htm>

bastante solitário, pois passei a falar uma linguagem que ninguém entendia, até meus mais caros amigos – sabidamente não comunistas – passaram a me ver como paranoico, principalmente depois de 89, pois o comunismo acabara, todo mundo sabia! A extensão e profundidade da infiltração gramscista, como vim mais tarde a descobrir e tratarei adiante, tinha sido tão grande que a linguagem política e social estava totalmente unificada, para deleite de Giocondo Dias.

Poucos anos depois espocaram em todas as associações profissionais e de ensino movimentos por maior “democracia”, fim da hierarquia com base no desenvolvimento científico e no mérito, igualdade para todos. As sociedades de psicanálise foram igualmente afetadas, particularmente aquela à qual eu pertencia, a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. A geração mais velha passou a utilizar os mais jovens para conduzir uma luta que vinha de anos entre eles. O ataque à hierarquia deveria ser feito contra os Estatutos, considerados autoritários por estabelecerem diferentes níveis nos quadros sociais. Alunos, Membros Associados, Membros Titulares e Analistas Didatas (que são os professores, supervisores e analistas dos alunos), progressão baseada estritamente em critérios científicos, mas explorada pela ala marxista, predominante na geração mais velha, como puramente política, autoritária e fruto da “ditadura”. Todos eram ligados direta ou indiretamente ao Partido Comunista Brasileiro. Conseguido seu intento, como seria de esperar, os alunos passaram a mandar e desmandar, sendo os verdadeiros donos do poder. Nada mais insano do que a insanidade se instalar no seio das instituições apropriadas para combatê-las. Foi a época de ouro da esquerda marxista que alimentava o ódio entre colegas, chegando a afirmar que era inadmissível um psicanalista não marxista! E que se houvesse algum, estava a serviço da ditadura militar!

Chegou-se ao cúmulo de levar a Havana um trabalho em que, deturpando totalmente o conceito de consideração pelo outro (*concern*), defendia a quadrilha de narcotraficantes assassinos que tomou conta de Cuba, qualificando o regime como uma “experiência enriquecedora, um Estado sério e bem orientado” com dirigentes verdadeiramente preocupados com a vida e saúde física e mental de seus reprimidos súditos, permitindo que “crianças atendidas fisiológica e psicologicamente se desenvolvam em adultos sadios”. Ficava implícito neste trabalho que o povo, ao não reconhecer a bondade extrema de seus governantes, demonstrava falta de gratidão, justificando, portanto, indiretamente, a repressão. Chega a dizer que *todas as crianças nascidas após a tomada do poder por Castro são mentalmente sadias, justificando a necessidade de*

assistência psicanalítica apenas para os que nasceram antes disto! A ciência se transformava em política rasteira.

Na área da Psiquiatria a doutrinação anti-psiquiátrica se deu preponderantemente pelo movimento anti-manicomial que foi - e é - "maciça nas escolas de medicina, enfermagem, psicologia e serviço social, e em alguns meios "intelectuais". Segundo as palavras da Dra. Iraci Schneider "hoje em dia, no imaginário da maior parte das pessoas, a internação psiquiátrica é sinônimo de tratamento desumano e cruel, e, sobretudo ineficaz". "A doença mental, diziam, era *uma ficção capitalista e burguesa*". "Na verdade, não existia a loucura, que poderia ser vista como uma reação sadia a um sistema que não tolerava manifestações individuais de liberdade". A loucura era criativa, transgressora, desafiadora do status quo. (Michel Foucault era o livro de cabeceira). A loucura, 'subversiva', criadora, 'de esquerda', desafiava o Poder constituído, representado pelo hospital psiquiátrico e pela medicação anti-psicótica, estes 'de direita'. Freud já estaria superado; entronizava-se Lacan". "A luta anti-manicomial foi apenas o pretexto, nada mais do que a mesma política de tomada do poder institucional na área médica que ocorria em outras especialidades e em todos os estados". "No imaginário das pessoas, psiquiatria, internação, hospital psiquiátrico (fala-se manicômio), tornou-se o local da violência e do horror".

A verdadeira razão da "superação" de Freud e da entronização de Lacan está no fato de que Freud demonstrou que em termos psicológicos o marxismo é incompatível com a natureza humana. Na *XXXV Nova Conferência Introdutória* Freud fala extensamente das diferenças inconciliáveis. Destaco especificamente estes trechos: "(O marxismo) prevê que no curso de algumas gerações (com as modificações das condições econômicas) a natureza humana será alterada e a humanidade conviverá harmonicamente na nova ordem social" e "transfere para outro lugar as restrições instintivas essenciais à sociedade; desvia para fora as tendências agressivas que ameaçam a humanidade e encontram suporte na hostilidade dos pobres contra os ricos e dos fracos contra os fortes. Mas uma transformação da natureza humana como esta é altamente improvável" (p. 180). A observação de 15 anos de aplicação prática destas ideias levou Freud a complementar: "(o regime) criou tal proibição de pensamento que é mais cruel do que as das religiões no passado. Qualquer exame crítico da teoria marxista é proibido, dúvidas sobre sua correção são tratadas como heresias (...) Os escritos de Marx tomaram o lugar da Bíblia e do Corão como fontes de revelação (...)".

Não bastava, entretanto, "superar" Freud, também era necessário substituí-lo por um farsante, cujos truques linguísticos foram amplamente denunciados como imposturas por Alan Sokal & Jean

Bricmont (*Impostures Intellectuelles*), que demonstram claramente que seus fundamentos matemáticos não passam de pura fantasia: "...suas analogias entre psicanálise e as matemáticas são as mais arbitrárias que se podem imaginar (..) sem que apresente nenhuma justificação empírica ou conceitual. Finalmente, para aqueles que preferem ostentar erudição e de manipular frases sem sentido, pensamos que seus textos são suficientemente eloqüentes". Ao mesmo tempo cria uma nova religião esotérica: "um 'misticismo laico', onde o discurso não apela nem à razão, nem à estética (...) torna-se cada vez mais críptico – característica comum a muitos textos sagrados – onde o jogo de palavras se combina com uma sintaxe fraturada; servem de base para uma exegese reverencial dos discípulos ('iniciados'). Podemos perguntar, portanto, legitimamente, se eles não significam a estruturação de uma nova religião". Pois toda a obra de Freud é hoje apresentada, principalmente no Brasil – e parcialmente na França – por uma tradução lacaniana hermética que horroriza e afasta as pessoas que querem pensar e que mais parece um balbuciar de bebês, permitindo que se afirme qualquer coisa. Como este livro não é sobre psicanálise espero que estas palavras sirvam de demonstração suficiente. Uma outra influência nefasta sobre os meios intelectuais é a da Escola de Frankfurt, que será tratada no Capítulo VIII.

Andava eu em busca de explicações que satisfizessem minha perplexidade quando me caiu em mãos um livro, "O Imbecil Coletivo", de Olavo de Carvalho. Em seu prólogo o autor diz: "O imbecil coletivo não é, de fato, a mera soma de certo número de imbecis individuais. É, ao contrário, uma coletividade de pessoas de inteligência normal ou mesmo superior que se reúnem movidas pelo desejo comum de imbecilizarem-se umas às outras. Se é desejo consciente ou inconsciente não vem ao caso: o que importa é que o objetivo geralmente é alcançado. Como? O processo tem três fases. *Primeiro*, cada membro da coletividade compromete-se a nada perceber que não esteja também sendo percebido simultaneamente por todos os outros. *Segundo*, todos juram crer que o recorte minimizado assim obtido é o único verdadeiro mundo. *Terceiro*, todos professam que o mínimo divisor comum mental que opera esse recorte é infinitamente mais inteligente do que qualquer indivíduo humano de dentro ou de fora do grupo, já que, segundo uma autorizada porta-voz dessa entidade coletiva, "a psicanálise, com o conceito de inconsciente, e o marxismo, com o de ideologia, estabeleceram limites intransponíveis para a crença no poderio total da consciência autônoma, enfatizando seus limites. Assim, se um dos membros da coletividade é mordido por um cachorro, deve imediatamente telefonar para os demais e perguntar-lhes se foi de fato mordido por um cachorro. Se lhe responderem que se trata de mera impressão subjetiva (o que se dará na maioria dos casos, já que é altamente improvável que os cachorros entrem num acordo de

só morder as pessoas na presença de uma parcela significativa da comunidade letrada), ele deve incontinenti renunciar a considerar esse episódio um fato objetivo, podendo, porém continuar a falar dele em público, se o quiser, a título de expressão pessoal criativa ou de crença religiosa. Para o imbecil coletivo, tudo o que não possa ser confirmado pelo testemunho unânime da *intelligentzia* simplesmente não existe. Compreende-se assim por que o mundo descrito pelos intelectuais é tão diferente daquele onde vivem as demais pessoas, sobretudo aquelas que, imersas na ilusão do poderio total da consciência autônoma, acreditam no que vêem em vez de acreditar no que leem nos livros dos professores da USP”.

Logo percebi que não estava só e mais: que o autor que escrevera aquelas palavras tinha experiências parecidas com as minhas, possivelmente estivera também no mesmo inferno. Eu não me enganara, Olavo fizera parte de um número restrito de militantes a serviço da mesma causa e por isto era capaz de entender o que ocorria.

“A *intelligentzia*, palavra russa, convém lembrar, não abrange em seu significado todas as pessoas empenhadas em tarefas científicas, filosóficas ou artísticas, mas somente aquelas que falam com frequência umas com as outras e se persuadem mutuamente de estar colaborando para algo que juram ser o progresso social e político da humanidade. (...) É característico da nossa baixeza intelectual que, quanto menos alguém compreende o simples enunciado de uma ideia, mais se julga capacitado a diagnosticar os motivos psicológicos profundos e até mesmo inconscientes que teriam levado o autor a produzi-la. Isso tem a indiscutível vantagem de desviar a discussão dos terrenos áridos da filosofia, da ciência, etc., para as férteis planícies da psicanálise-de-botequim, onde todo brasileiro se sente um *expert* tanto quanto em técnica de futebol, economia política e mecânica de automóveis”.

Também ajudou enormemente meu entendimento a seguinte observação: “*O mais curioso, aí, é que as pessoas deixam de ser marxistas, mas não sabem ser outra coisa, porque tudo o que leram na vida foi com os olhos de Marx. O resultado é que esses ex marxistas continuam raciocinando dentro de um quadro de referência demarcado pelo materialismo dialético, pela luta de classes e por todos os demais conceitos clássicos de um marxismo que já não ousa dizer seu nome*”.

“Dirijo-me ao que há de melhor no íntimo do meu leitor, não àquela sua casca temerosa e servil que diz amém à opinião grupal por medo da solidão. Fazer o contrário seria um desrespeito”. Em mim atingiu certamente o que há de melhor. Depois

de esmiuçar a obra de Olavo e seguir seus passos, passei a investigar por mim mesmo, embora mantendo a colaboração e a amizade que se desenvolveu entre nós. Meus conhecimentos sobre Antonio Gramsci eram nulos e sobre a Escola de Frankfurt, escassos. As conclusões provisórias destas investigações que deverão se aprofundar é o que ponho à disposição dos leitores a seguir. Pretendo também que este livro permita aos leitores um contato com bibliografia e publicações que não estão traduzidas para nosso idioma e nem divulgadas aqui – e, provavelmente, nunca serão, em função da hegemonia editorial e midiática esquerdista.

Aos leitores que quiserem ler um livro politicamente *neutro* recomendo não passarem daqui. Como já mostrei acima, não é possível neutralidade frente ao totalitarismo e ao genocídio. Este é um livro **contra** todas as formas de totalitarismo, particularmente a que mais nos ameaça no momento, o comunismo. Qualquer crítica neste sentido será, portanto, ignorada.